



## SOBRE TRADUÇÕES INDIRETAS, RECEPÇÃO E CELEBRIDADE

### ABOUT INDIRECT TRANSLATION, RECEPTION AND CELEBRITY

Celso Donizete Cruz<sup>1</sup>

**RESUMO:** Tentativa de estabelecer uma posição teórico-metodológica para o estudo de traduções indiretas de obras literárias sem concebê-las de antemão como produções precárias em face de um original do qual se encontram mais afastadas em comparação com as traduções diretas. Pleiteia-se a análise das traduções no contexto dos sistemas literários de que efetivamente participam, nos quais, sejam diretas ou indiretas, cumprem uma função de representação não restrita à mera transposição de formas lingüísticas. Assumindo essa perspectiva, estudos históricos de recepção podem flagrar o modo como um sistema literário recebe uma obra estrangeira por meio de traduções. Ao mesmo tempo, o valor relativo de uma tradução no contexto de chegada pode ser tomado também como função da celebridade da obra literária que por esse meio se divulga.

**PALAVRAS-CHAVE:** traduções indiretas; estudos da tradução; estudos de recepção; fama literária.

**ABSTRACT:** This essay is an attempt to find a theoretical point of view for the study of indirect translations of literary works. I try to understand the indirect translations in the same level as the direct translations, without consider the first less significant than the second, because are not made from the original texts. So I propose that direct or indirect translations be analysed as part of target literary systems, in wich they represent the original literary work not only linguistically. Assuming this perspective, reception studies can show the way as a foreign literary work is presented in a target literary system by means of translations. At the same time, the relative value of a translation in the target context can also be taken as function of the fame of the literary work that is translated.

**KEYWORDS:** indirect translations; translation studies; reception studies; literary fame.

Ao menos entre os leitores especializados, as traduções literárias indiretas parecem desfrutar de uma posição desconfortável, ou melhor, não há um verdadeiro desfrute, pois elas, se não julgadas simplesmente inaceitáveis, só são acolhidas em último caso, sempre com um certo receio, um certo pesar, apresentadas como mal necessário, único modo de aceder a um original qualquer. Este é que é o importante. Se o ideal ou o arquétipo da tradução, como propõe Benjamin, é a “versão justalinear [*Interlinearversion*] do texto

---

<sup>1</sup> Mestre em Língua e Literatura Alemã (USP). Professor Assistente do Núcleo de Letras da Universidade Federal de Sergipe, Campus de Itabaiana. [celso.cruz@uol.com.br](mailto:celso.cruz@uol.com.br)



sagrado”,<sup>2</sup> deve então toda tradução, no que realiza esse ideal, funcionar como uma espécie de muleta para os leitores que ainda não conseguem se locomover com segurança pelas muitas nuances de sentido de um texto originalmente concebido numa língua que não a sua, e sendo assim a tradução indireta bem pode ser a muleta da muleta. Se a tradução direta, em conformidade com esse seu arquétipo, já funciona como via de acesso ao texto original, e daí seu valor provisório, a tradução indireta aparece em condições ainda mais precárias, como um mapa já bem desbotado, no qual mal se reconhecem os traços cruciais da paisagem que devia descortinar. Ocorre, neste modo de pensar, sempre o acréscimo de um grau de afastamento para que se possa abordar a tradução indireta. Não seria de outra forma se se passasse a pensar a tradução como emulação, clone ou encarnação do original; para as traduções indiretas reservar-se-ia a vaga de clone do clone, encarnação da encarnação. Um modo de irmanar os estatutos das traduções diretas e indiretas é concebê-las não apenas como operação, mas também como *opera*.

Ao tratar exclusivamente da operação, a crítica de tradução realiza o cotejo dos textos original e traduzido. O confronto original x tradução é, e com razão, apanágio da didática tradutória, e também função do conferente (revisor, copidesque), seja ele o mesmo tradutor ou outra pessoa, que avaliza o texto traduzido antes de sua publicação. A questão é saber se a crítica de traduções tem de se limitar aos resultados dessa comparação textual, e apenas com base neles atribuir maior ou menor valor aos objetos que critica. De tal perspectiva, as traduções indiretas também estariam salvas para a crítica da tradução, desde que os originais confrontados fossem aqueles que aquelas utilizaram. *A metamorfose* de Torrieri Guimarães adquirirá o seu devido valor do cotejo com a tradução francesa (?) de que partiu, assim como a tradução de Siomara Cajado só pode ser julgada em confronto com a versão americana que lhe serve de base.

O cotejo textual puro e simples, entretanto, se é útil para validar o processo, deixa na sombra as reverberações do produto. De acordo com o método comparativo, as traduções indiretas de Kafka feitas por Torrieri Guimarães poderiam, em tese, ter o mesmo valor que as traduções de Modesto Carone, feitas diretamente do alemão. No que tange à operação tradutória, levando-se em conta os respectivos originais, deve ser possível pleitear uma igualdade relativa entre as realizações desses dois tradutores. Mas reivindicar a

---

<sup>2</sup> “A tarefa-renúncia do tradutor”, trad. Susana Kampff Lages, in *Antologia bilíngüe: os clássicos da teoria da tradução*, coord. Werner Herdermann, vol. 1: Alemão-Português, Santa Catarina, UFSC, 2000, p. 215.



igualdade de suas atividades é esconder a desigualdade das posições que suas obras vêm a ocupar no sistema literário de que participam. A crítica vai revelar todo um universo de valores construído com base na noção de que a boa tradução é a que está o mais próximo possível do original. É a necessária postulação do original que, negando autonomia à tradução, desautoriza ainda mais a verdade da tradução indireta: “[...] the introduction of the term ‘original’ for literary texts led to a concept of translation which differs completely from that of the seventeenth and early eighteenth centuries. If literary texts have the status of originals, a true translation cannot be a ‘belle infidèle’ or ‘second-hand’”.<sup>3</sup> No intuito de abordar a tradução indireta sem desmerecê-la de antemão, a crítica pode desviar sua atenção para o produto, na tentativa não de burlar o vínculo indissociável entre original e tradução, mas de conceber novos valores e rever preconceitos que, embora externos aos textos, prefiguram e assim propagam apreciações às vezes injustas das traduções literárias. “Traduzir, editar uma tradução, não significa apenas ocupar-se com uma operação de natureza lingüística, é também tomar uma decisão que põe em jogo um equilíbrio cultural e social”.<sup>4</sup>

Não é a comparação como método o que se condena, porém as bases em que se dá. A relação explícita com um original, condição de toda tradução, não corresponde somente à relação com uma fonte lingüística. A tradução depende tanto de seus próprios méritos de estilo e fidelidade quanto da celebridade do original que retoma, é isso o que as traduções indiretas parecem dizer. O tradutor erudito e rigoroso faz questão de assinalar a edição, de preferência crítica, de que partiu, mas tal não é a preocupação das traduções indiretas, ao menos não no caso das edições brasileiras de *A metamorfose*, de Kafka, pelo contrário, como essa condição de proximidade ao original é um valor, social, histórico e de mercado, a tendência é disfarçar a fonte indireta. Nessas edições, então, em vez da remissão precisa ao original, temos, quando muito, a alusão descomprometida ao “título do original...”. A única tradução indireta da *Metamorfose* que explicita sua real origem é a de Siomara Cajado.<sup>5</sup> Ao ocultar as suas fontes lingüísticas, as traduções notoriamente indiretas de *A metamorfose* no Brasil demonstram, indiretamente, o vexame de sua condição, mas não só isso. Há a

<sup>3</sup> Sabine Lorenz, “On the impossibility of translating *Finnegans Wake*”, in *Interculturality and the historical study of literary translations*, ed. Harald Kittel e Armin Paul Frank, Band 4, Berlim: Erich Schmidt Verlag, 1991, p. 112-3.

<sup>4</sup> Yves Chevrel, apud Alba Olmi, “Tradução e literatura comparada: multidisciplinaridade e transculturalismo”, *Traditio*, v. 9, São Paulo, 2003, p. 13.

<sup>5</sup> Assim consta dos créditos: “Título original: *The Metamorphosis*, copyright 1948, Schocken Books Inc., New York”. São Paulo, Nova Época Editorial, s.d.



editoria por trás desses textos, à qual interessa diretamente o modo como se estabelece o vínculo com o original. Ao remeter a tradução ao original americano (se essa não foi simplesmente uma falha de edição) pode-se querer angariar parte do prestígio que esta cultura talvez auferisse em terras brasileiras à época. A opção editorial pelas traduções indiretas, além de tentativa bem-sucedida de burlar as leis de copyright, pode ser indício das dificuldades para se contratar um tradutor que topasse traduzir a obra diretamente do alemão ou mesmo das dificuldades de obtenção de um original alemão. Porém, se assim o fosse, não haveria por que, no final do século 20 e início do 21, relançá-las, e é isso o que acontece.<sup>6</sup> A existência de tantas versões e edições da novela kafkiana no Brasil dá mostras de seu notável apelo para o leitor brasileiro e revela um mercado bem movimentado. As razões do copyright se impõem com mais força. O leitor especialista opta pela tradução de Modesto Carone, mas as outras versões também devem alcançar algum público, as editoras não estariam atirando no vazio. Seria inclusive a existência desse mercado o que justificaria o lançamento de sucessivas novas edições. Há no Brasil uma disputa acirrada pelo leitor de *A metamorfose*, que há pouco tempo, aliás, chegou até a aparecer em telenovela.<sup>7</sup>

As razões dessa atração devem ser buscadas, certamente, naquilo que Kafka escreveu. Vale notar que esse fascínio, e o mercado que movimenta, não é exclusividade brasileira. É assim também na Espanha, na França, nos Estados Unidos, na Internet, a obra do autor tcheco, principalmente a novela em questão, de fato tem atraído há décadas a atenção do homem contemporâneo. Todavia a explicação do fenômeno calcada na explicitação das qualidades literárias internas à obra pode ser entendida tanto como causa quanto como consequência. Não é a crítica sozinha responsável pelo sucesso da obra que critica, ainda que a escolha e o julgamento do crítico traiam sua filiação a um determinado sistema de valores e, por vezes, revelem a tentativa de reavaliação do cânone literário desse sistema mediante a inclusão de um novo nome ou a exclusão de um velho (e de acordo com o peso das palavras da crítica, e também com o valor social do crítico, as alterações propostas podem vir a ocorrer ou não). Inversamente, o fato de uma obra, como é o caso de *A metamorfose*, perdurar em diferentes sistemas e subsistemas literários ao longo do

---

<sup>6</sup> Ver, entre outras, a publicação da tradução de Brenno Silveira pela Civilização Brasileira em 1997, de Torrieri Guimarães pela Ediouro em 1998, e a de Regina Régis Junqueira pela Itatiaia em 2000, todas posteriores à publicação da tradução direta de Modesto Carone.

<sup>7</sup> Em *Celebridade*, de Gilberto Braga, de 2004, um personagem jovem em crise depressiva depois da trágica morte do irmão, aparece lendo a novela de Kafka. Infelizmente, não assisti à cena, não podendo assim determinar qual era a tradução em questão.



tempo acaba por se impor à consideração da crítica. É preciso admitir o dilema: não são só as qualidades internas às obras que dão a dimensão de sua importância para uma época, uma cultura ou um indivíduo.<sup>8</sup> Fazem muito sentido as ponderações de André Lefevere sobre a fama literária.<sup>9</sup> Sem descartar a experiência da leitura, é fato comum que a fama de uma obra preceda a sua apreciação. Antes de ler Kafka, eu já sei que é um autor canônico, posso inclusive saber algo sobre si e sua obra sem nunca a ter lido. Alguns autores do cânone são perpetuados na prática mais pelas reescrituras – interpretações, resenhas, traduções, críticas, almanaques, enciclopédias – do que pelas obras originais, e as reescrituras dão uma boa dimensão de sua fama.<sup>10</sup>

A tradução é uma reescritura e como tal deve possuir a sua mesma frágil independência. É patente nas formas de reescritura a propagação do que se aceita, em determinado círculo, como conhecimento. Que se tome o verbete “*Metamorphose (A)*”, da enciclopédia Larousse Cultural: “romance de Kafka (1915). Um homem acorda um dia transformado num enorme inseto e passa a ser rejeitado por sua família. É uma metáfora da escravidão do homem aos laços sociais”.<sup>11</sup> Deixando de lado neste momento a verdade da visão que propagam, e atentando exclusivamente para sua forma, temos que os verbetes são cápsulas de conhecimento e, como estas, agem só quando seu invólucro é dissolvido. A tradução também desfruta dessa condição de forma impermanente, e por isso é difícil deixar de encará-la como “transdução”. O que tem feito a crítica de traduções, se não julgá-las boas ou más como estratégia de transporte, fiéis ou infiéis conforme as leis das formas lingüísticas dos originais? Na radicalização dessa visão revela-se o descarte da tradução como objeto, se aceitamos, com Benjamin, que ela é uma forma, mas o que importa são as formas do texto original. Mesmo quando se pensa na tradução de obras limite da literatura moderna, como Joyce e Guimarães Rosa, cujas inovações formais são incontornáveis, as formas da tradução são provisórias e valem mais pelo mecanismo que revelam que por si mesmas. Antes de ser criação, a tradução é hermenêutica. Para essa visão que sacraliza as formas do original, as traduções de segunda mão são mais que desprezáveis, desprezíveis, como dissemos, contudo no fim essa avaliação pouco importa, porque esse modo de

<sup>8</sup> É preciso ver ainda que a qualidade é um conceito bem relativo, o que é bom para uns é droga para outros. Também não se pode esquecer que é o que se pleiteia como qualidade que alimenta os argumentos da crítica.

<sup>9</sup> Cf. *Translation, rewriting, and the manipulation of literary fame*, Londres/Nova York, Routledge, 1992.

<sup>10</sup> Algo que Benjamin já intuía em seu ensaio: “Traduções que são algo mais do que meras transmissões surgem quando uma obra alcança, ao longo da continuação de sua vida, a era de sua fama. Por isso elas não estão tanto a serviço de sua fama [...] quanto lhe devem existência”. *Loc. cit.*, p. 194-5.

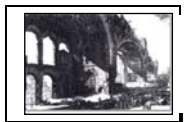
<sup>11</sup> *Grande enciclopédia Larousse Cultural*, São Paulo, Nova Cultural, 1998, vol. 16, p. 3954.



pensar é o mesmo que, contra todas as evidências, vem a concluir que a própria tradução é impossível.

O rompimento com essa posição teórica nos estudos de tradução, se não pode recusar a transitoriedade, a independência relativa de seu objeto, vem a mostrá-lo sob um outro ângulo. Invertem-se os pólos: depois de ser hermenêutica, a tradução é criação. Mas surge um outro problema: será possível realizar a crítica imanente dessas obras? A tradução, direta ou indireta, faz as vezes da obra original na cultura de chegada. Não dá pra dizer que o leitor das traduções de Torrieri Guimarães e Siomara Cajado, entre outros tradutores mal afamados, chegue a desconhecer a novela kafkiana, sendo incapaz, por exemplo, de acompanhar uma análise crítica da obra. As próprias análises críticas exemplificam seus argumentos com trechos traduzidos. Assim, a tradução até pode ser criticada como se fosse o original, porém aí a crítica não será dirigida à tradução propriamente dita. Se adentrarmos no reino da pura forma, há um horizonte possível, para além da análise retórica ou estilística, na observação dos condicionantes lingüísticos, e também históricos e sociais, das formas traduzidas. A questão é saber se a crítica imanente se contenta com a pura forma e ainda existe quando o objeto é iluminado de fora.

Pois me parece que é justamente quando vistas de fora que as obras traduzidas adquirem plena significação. A posição que irão ocupar em um sistema é parte determinante de seu valor, e por isso a investigação dessa posição, investigação externa ao objeto, não deve ser relegada, sobretudo quando o que está em jogo é precisamente o valor desse objeto. O valor de uma tradução é também função de sua recepção, isto é, de suas condições de produção e aceitação em determinados mercados. Dessa perspectiva, a teoria tem como pôr em pé de igualdade as traduções de primeira e segunda mão, do modo como se supõe que elas estejam para um leitor não especialista. Para este, com ou sem a interpolação de uma terceira língua, a tradução vale como obra original. Não é que o leitor deixe de notar a presença do tradutor na tradução, ele o nota sim, na crítica e também no elogio. Mesmo contando só com a tradução, fora da atividade de cotejo, o leitor sabe que existe um tradutor, o qual, como todos que escrevem, não tem como não deixar suas marcas nos textos que produz. Mas a existência do tradutor, ainda que propositalmente acentuada, não é capaz de conter a presença do autor original. Do mesmo modo, o texto traduzido, por maior que seja a metamorfose lingüística, não apaga a presença do texto original. Se a tradução quiser de fato renegar sua origem, corre o risco de ser acusada de



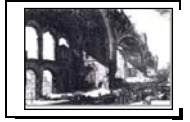
plágio. Entretanto aqui o original que o leitor tem em mente não é necessariamente a fonte lingüística da tradução que lê.

A tradução corresponde assim a uma idéia do original, absolutamente válida em determinados contextos, em determinadas épocas; aliás nem se trata de questionar sua validade, dada de antemão pela sua real difusão, cumpre reconhecer a sua importância no intercâmbio literário entre as culturas. A tradução é uma das primeiras instâncias de recepção de uma obra estrangeira. Todas as traduções são, pois, passíveis de serem tomadas como dados analisáveis pelo que representam nos quadros dessa recepção. Não é mais só uma operação que está em jogo; a tradução de que se trata é o texto traduzido e enfeixado no livro. É como se passássemos da abstração para a concretude, descrevendo o objeto pelo espaço que ele ocupa, pelo papel que pretende representar, pelas funções que cumpre em um certo sistema. Uma atividade deverá ser ou não importante por aquilo que produz e pelo impacto que causa. Todavia, se a história da manipulação do produto não chega a tocá-lo de fato, mas apenas lhe desenha a silhueta, tal é o máximo a que os estudos de recepção podem almejar.<sup>12</sup>

Ainda assim, o estudo da difusão de uma obra com base em suas traduções justifica-se pelo que testemunha, no mínimo para esclarecer e desmerecer o preconceito que pesa sobre algumas traduções. Tal estudo, porém, mais histórico-descritivo que teórico-analítico, não tem como se furtar à ambigüidade de sua própria posição, como se herdasse a transitoriedade de seu objeto, a tradução. O conhecimento auferido desse modo diz mais sobre relações interculturais, mercado e estratégias editoriais do que sobre a operação de tradução, na expectativa não de alterar a forma dessa operação, mas o modo como é avaliada. Acompanhar a tradução é também participar da celebridade da obra, mas com a consciência de uma mediação lingüística e por isso cultural e ideológica. Os estudos de recepção se satisfazem com a descrição da fama. Quero crer que sirvam para desvendar algumas de suas implicações.

---

<sup>12</sup> Que se tenha em mente a crítica radical de Benjamin: “Em parte alguma, o fato de se levar em consideração o receptor de uma obra de arte ou de uma forma artística revela-se fecundo para o seu conhecimento”. *Loc. cit.*, p. 189.



Travessias número 01 [revistatravessias@gmail.com](mailto:revistatravessias@gmail.com)  
Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte.

---